Artigo Original

ISSN 0103-1716

Coesão de grupo em categorias de base do futebol

Group cohesion in Football based categories

TERTULIANO IW, ALVARENGA DVA, XAVIER GHC, OLIVEIRA V, MACHADO AA. Coesão de grupo em categorias de base do futebol. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(2):37-47.

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo investigar a coesão de grupo em atletas de Futebol, de categorias de base, e comparar os níveis de coesão de grupo entre as equipes investigadas. Para isso, participaram do estudo, de forma voluntária, 84 jogadores de Futebol com idade entre 13 e 19 anos (16,04 ± 1,73), todos do sexo masculino e jogadores de 3 clubes do Estado de São Paulo. Cabe ressaltar que todos participantes preencheram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de assentimento, no caso dos menores de idade. Todos participantes responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, adaptado e validado para a língua portuguesa, além de um questionário sociodemográfico. Para as análises, recorreu-se a análises descritivas e inferenciais. Os resultados apontam, para análise intragrupo, independentemente do clube, que os grupos apresentam maiores escores para dimensão atração individual no grupo-tarefa, seguida da atração individual no grupo-social e menor escore para dimensão integração no grupo-tarefa. Em relação às análises entre clubes, pode-se observar que o clube 3 apresentou maiores escores que o clube 2, apenas, para as dimensões atração individual no grupo-tarefa e integração no grupo-tarefa. Diante do exposto, conclui-se que atletas de categorias de base parecem priorizar as dimensões de atração individual, que pode estar envolvido com a vontade de se profissionalizar e a incerteza de se esse objetivo será alcançado. Além disso, os atletas do clube 3 apresentaram maior coesão que os atletas do clube 2, indicando que nesse clube, possivelmente, tenha uma preocupação maior com a preparação psicológica, aliado a um estilo de liderança preferencial por parte dos atletas.

Palavras-chave: Coesão grupal; Formação esportiva; Esporte; Futebol; Psicologia do Esporte.

ABSTRACT: The present study aims to investigate group cohesion in soccer athletes, from youth categories, and compare the levels of team-cohesion among the teams investigated. For this, 84 soccer players aged 13 to 19 (16.04 ± 1.73), all males and players from 3 clubs of the State of São Paulo, participated voluntarily. It's important to highlight that all participants completed the Term of Free and Informed Consent (TCLE) and the consent term, in the case of minors. All participants answered the Group Environment Questionnaire - QEG, adapted and validated to Portuguese language, in addition they fulfill a sociodemographic questionnaire. Descriptive and inferential analyzes were used. The results show that, for intragroup analysis, independently of the club, there are higher scores for individual attraction dimension in the task group, followed by individual attraction in the social group and lower scores for integration dimension in the task group. Regarding the analysis between clubs, it can be observed that club 3 presented higher scores than club 2, only, for the individual attraction dimensions in the task group and integration in the task group. We concluded that grassroots athletes seem to prioritize the dimensions of individual attraction, which may be involved with the desire to become professional and the uncertainty of whether this goal will be achieved. In addition, club 3 athletes were more cohesive than club 2 athletes, indicating that they may have a greater concern with psychological preparation, coupled with a preferred leadership style by athletes.

Key Words: Group Cohesion; Sports training; Sport; Soccer; Psychology of Sport.

Ivan Wallan Tertuliano[1]
Douglas V. A. Alvarenga[1]
Guilherme H. C. Xavier[1]
Vivian de Oliveira[2]
Afonso A. Machado[3]

[1]Centro Universitário Adventista de São Paulo
[2]Centro Universitário Fieo
[3]Universidade Estadual Paulista

Contato: Ivan Wallan Tertuliano - ivanwallan@gmail.com

Recebido: 02/04/2018
Aceito: 07/02/2019

Introdução

A Psicologia do Esporte é uma área interdisciplinar, que pode ser investigada por profissionais tanto da Educação Física como da Psicologia[1]. Dentro dessa área, algumas temáticas têm chamado a atenção de inúmeros pesquisadores, como, coesão de grupo, que se refere à união de um grupo para alcançar metas e, além disso, a satisfação dos membros[2]. Dessa forma, Valle *et al.*[3] apontam que o profissional que atua com a Psicologia do Esporte deva conhecer as temáticas supracitadas, com o intuito de melhor intervir junto as equipes, atletas e demais pessoas que compõem o ambiente esportivo de forma a promover condições para melhorar o desempenho dos atletas. Somado a isso, Samulski[4] aponta que com a expansão das modalidades esportivas, tanto amadoras quanto profissionais, observa-se a necessidade do desenvolvimento científico acerca das habilidades psicossociais em seus praticantes e aos estímulos intrínsecos e extrínsecos que culminam no sucesso ou insucesso da equipe.

Assim, dentre os possíveis fatores que podem interferir no rendimento esportivo, Almeida[5], abordou as principais variáveis no contexto do futebol profissional, destacando alguns fatores, como ansiedade, motivação, autoconfiança e coesão. Outros autores[2,6], por sua vez, acrescentam outras variáveis que podem influenciar o resultado esportivo, como controle do estresse, habilidade mental e influência da evolução do rendimento[6]; estilo de liderança e estabelecimento de metas, concentração e ativação[2]. Todavia, os assuntos apresentados não se esgotaram, demonstrando-se a necessidade de novos estudos sobre tais temáticas, justificando o presente estudo. Assim, no presente estudo buscou-se ampliar o conhecimento acerca da coesão de grupo.

Almeida[5] aponta que o termo Coesão de Grupo foi inicialmente aplicado por Kurt Lewin em 1945, apontando que a essência de um grupo consiste maioritariamente na interdependência entre os seus membros e não só na sua semelhança. Além disso, para Lewin[7], a interdependência interpessoal é o que determina o grau de coesão do grupo. Dentre as primeiras definições de coesão, encontra-se a definição de Festinger[8], onde a coesão pode ser entendida como o campo total de forças que agem para que os membros permaneçam no grupo.

Segundo Mikalachki[9] a coesão pode ser dividida em coesão de tarefa e coesão social. A coesão de tarefa existe quando o grupo está coeso em volta de uma tarefa e está organizado para desempenhar tal tarefa, enquanto a coesão social existe quando o grupo está coeso em torno de funções sociais, ou seja, uma não tarefa[2]. Além disso, Carron, Widmeyer & Brawley[10] apresentam algumas dimensões para coesão de grupo, atreladas a fatores individuais e coletivos, relacionados à coesão social e coesão de tarefa, demonstrando que a coesão de grupo é multidimensional. Em outras palavras, coesão de grupo pode ser definida como o processo dinâmico que se reflete na tendência para o grupo se manter unido na perseguição das suas metas e objetivos e/ou da satisfação das necessidades afetivas dos seus membros[11].

Enquanto estudo no âmbito esportivo, diferentes instrumentos foram desenvolvidos, com o intuito de compreender melhor o papel da coesão de grupo e no rendimento dos atletas, como o Questionário de Ambiente de Grupo - QEG[10], revisado e modificado por Eys *et al.*[12], adaptado e validado para língua portuguesa[13], o Child Sport Cohesion Questionnaire - CSCQ[14], o Youth Sport Environment Questionnaire - YSEQ[15] e o Physical Activity Group Environment Questionnaire - PAGEQ[16]. No presente estudo utilizou-se o instrumento QEG, adaptado e validado para língua portuguesa por Nascimento Junior *et al.*[13]. Alguns estudos que utilizaram o QEG[17–19], apresentam de uma forma geral, resultados que apontam que, em atletas de alto rendimento, quanto maior o nível de coesão do grupo, maiores serão as possibilidades de obtenção de sucesso[20]. Tais resultados vão de encontro aos verificados por Nascimento Junior *et al.*[21], estudo que utilizou a versão traduzida para o português de Portugal de Costa[22] do QEG.

Todavia, tratar de coesão de grupo de atletas amadores carece de investigações, já que os estudos apresentados foram efetuados com atletas de alto rendimento. Taghizadeh e Shojaie[23] realizaram um dos poucos estudos que tive como participantes atletas profissionais e amadores para sua coleta de dados, demonstrando a necessidade de mais

estudos acerca dos efeitos da coesão de grupo no rendimento de atletas de base e amadores, justificando, outra vez, a necessidade do presente estudo. Assim, o presente estudo tem como objetivo investigar a coesão de grupo em atletas de Futebol, de categorias de base, e comparar os níveis de coesão entre as equipes investigadas.

Materiais e métodos

Participantes

O estudo constou com a participação voluntária de 84 jogadores das categorias de base do Futebol, com idade entre 15 e 19 anos (M=17,04, DP=1,73), todos do sexo masculino e jogadores de 3 clubes do Estado de São Paulo. Os participantes foram divididos em 3 grupos, adotando como critério de divisão o clube que o jogador atua. Sendo assim, os grupos formados foram:

1. Clube 1 com 23 jogadores (27,40% da amostra), com idade entre 15 e 17 anos (16,78 ± 1,24);
2. Clube 2 com 32 jogadores (38,10% da amostra), com idade entre 15 e 18 anos (17,37 ± 0,79);
3. Clube 3 com 29 jogadores (34,50% da amostra), com idade entre 15 e 19 anos (17,55 ± 1,84).

Todos os participantes preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e, no caso dos menores, além do TCLE, o termo de assentimento. Além disso, por se tratar de um estudo com categorias de base, era esperado que menores de idade estivessem presentes, já que a profissionalização no Futebol só ocorre após os 21 anos de idade. Aliado ao exposto, a participação de adolescentes em pesquisas com o Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) também ocorreu na investigação de Nascimento *et al.*[18], no qual demonstrou-se adequada estrutura interna do questionário supracitado em estudos com adolescentes.

Instrumentos

Inicialmente, os participantes responderam a um questionário de informação sociodemográfica, com informações sobre sexo, idade e clube que pertenciam. Além disso, os participantes responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, adaptado de Carron, Widmeyer e Brawley[10], adaptado e validado para a língua portuguesa por Nascimento Junior *et al.*[13]. Este instrumento é composto por 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas. Os itens são distribuídos em quatro dimensões:

- Integração no Grupo-Tarefa (GI-T) – como o atleta considera a harmonia da equipe em tarefas a serem realizadas (itens 8, 10, 12, 14 e 16),
- Integração no Grupo-Social (GI-S) – como o atleta considera a união da equipe como unidade social (itens 9, 11, 13 e 15),
- Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T) – como o atleta considera seu envolvimento com os objetivos estabelecidos (itens 3, 4 e 6),
- Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S) – como o atleta considera a sua integração dentro do grupo social (itens 1, 2, 5 e 7).

-As respostas são colocadas de forma que o avaliado escolha uma opção de um a nove para resposta, partindo do pressuposto em que varia de 1 ‘’discordo totalmente’’ e 9 ‘’concordo totalmente’’. Nesse instrumento, as respostas mais próximas de 9 “concordo totalmente”, representam um alto nível de coesão, em contrapartida, as respostas mais próximas de 1 “discordo totalmente”, representam um nível menor de coesão. Para calcular o escore de cada dimensão

deve-se somar as respostas dos itens de cada dimensão e dividir pelo respectivo número de itens, podendo variar, o valor, entre 1 e 9.

Procedimentos

A presente pesquisa respeitou os princípios legais de uma pesquisa que envolve coleta de dados com seres humanos, ou seja, utilizou-se de etapas estabelecidas pela comunidade científica e respeitou todos os padrões éticos de pesquisas com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Resolução 466/12. O presente trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD e aprovado pelo mesmo comitê, sob o número de parecer: 1.541.273.

Após a devida autorização do CEP, ocorreu o contato com os clubes para autorizarem a coleta de dados com seus atletas. Com a devida autorização dos técnicos, os atletas foram informados dos objetivos do estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), garantindo-se o anonimato e confiabilidade de todas as informações coletadas. Para os menores de 18 anos, o TCLE foi assinado por um responsável maior de idade e o menor assinou o termo de assentimento.

Respeitando o objetivo do estudo, alguns cuidados metodológicos foram adotados, para garantir a confiabilidade das informações coletas, de acordo com as previsões teóricas acerca da coesão de grupo. Para isso os atletas foram orientados a responder o questionário individualmente, em uma sala dentro das instalações do clube, junto da presença de um dos pesquisadores. Tais medidas foram tomadas para evitar o contato entre os atletas e entre o atleta e a comissão técnica durante o preenchimento do questionário. Assim, não houve a troca de informações pelos atletas antes e durante a aplicação do questionário.

O tempo de preenchimento do questionário foi de aproximadamente 15 minutos. Após todos os atletas responderem ao questionário, as informações coletadas foram transferidas para uma planilha eletrônica (Excel, versão 2016), para melhor controle e análise dos resultados.

Análise estatística

Assumiram-se análises quali-quantitativas, ou seja, análises descritivas e inferenciais foram adotadas para apresentar os resultados. A análise inferencial foi conduzida por etapas e assumiu o valor de p de 0,05. Em função do número de participantes de cada grupo houve a necessidade de testar a normalidade e a homogeneidade de variância dos dados através do teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) e do teste de Levene, respectivamente. Como os dados não apresentaram distribuição normal ($p<0,05$), nem homogeneidade de variância ($p<0,05$), foram utilizados: Mediana (Md) e Quartis (Q1; Q3) para caracterização dos resultados dos clubes e para as análises assumiram-se testes não paramétricos.

Para analisar a confiabilidade das dimensões do instrumento, ou seja, para avaliar a consistência interna das dimensões do questionário, utilizou-se do alfa de Cronbach (α de Cronbach), assumindo valores entre 0,7 e 0,8 como aceitáveis para o α[24], para cada dimensão de forma isolada. Na avaliação da fidedignidade teste-reteste foi utilizado o coeficiente de correlação intraclasses entre os itens e dimensões do instrumento. Os valores de correlação foram avaliados conforme proposto por Hopkins[25], em que <0,10 (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita).

Para analisar as diferenças entre as dimensões, para toda a amostra e para as análises intragrupo, utilizou-se do teste de Friedman. Concernente à localização, utilizou-se o *post hoc* de Wilcoxon. Para as análises entre grupos, utilizou-se do Teste Kruskal Wallis (K-W) com *post hoc* U de Mann-Whitnney. Para controle do erro tipo 1, foi utilizado o procedimento sequencial Holm de Bonferroni[26]. Todas as análises foram realizadas com o auxílio do IBM

SPSS Statistics, versão 20.

Resultados

Em relação à confiabilidade das escalas, o alpha de Cronbach revelou bons índices de confiabilidade (α > 0,70), ou seja, o índice de consistência interna geral do instrumento foi satisfatório. Todavia, como o instrumento é multidimensional, houve a necessidade de calcular a confiabilidade de cada dimensão, isoladamente. De acordo com a tabela 1, as dimensões apresentam índices de confiabilidade aceitáveis, variando de α = 0,700 a α = 0,773 e correlação item-dimensão variando entre 0,51 e 0,83, indicando correlação alta e muito alta entre os itens e a dimensão a qual ele pertence.

Tabela 1. Consistência interna das dimensões do instrumento e correlação item-dimensão (n=84).

Dimensão	Item número	α	Correlação Item-Dimensão
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8, 10, 12, 14, 16	0,7	0,72/0,70/0,84/0,80/0,68
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	9, 11, 13, 15	0,734	0,83/0,70/0,71/0,71
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	3, 4, 6	0,734	0,66/0,70/0,65
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	1, 2, 5, 7	0,773	0,51/ 0,71/ 0,70/ 0,57

Fonte: os autores.

Frente a análise com todos participantes, para as 4 dimensões do instrumento (GI-T, GI-S, AI-T e AI-S), observa-se pela análise descritiva (Tabela 2) que os níveis mais altos de coesão de grupo foram encontrados na dimensão atração individual para o grupo-tarefa – AI-T (Md = 8,00) e atração individual para o grupo-social – AI-S (Md = 7,50). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, já que o teste de Friedman apresentou diferença significante dentre dimensões [x2 (3) = 88,121; p < 0,001]. Concernente a localização, o teste de Wilcoxon demonstrou que a dimensão GI-S apresentou escores menores que as dimensões GI-T, AI-T e AI-S (p<0,008, valor ajustado) e que a dimensão AI-T foi superior a dimensão GI-T (p<0,008, valor ajustado). Tais resultados demonstram que a dimensão que obteve menor escore por parte dos atletas foi a GI-S e que a dimensão AI-T obteve os melhores escores, corroborando com a análise descritiva.

Tabela 2. Comparação das dimensões de coesão de grupo para toda amostra (n=84).

Dimensão	Itens
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,20 (6,20; 8,00)
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	6,00 (5,00; 7,00)
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,00 (6,67; 8,34)
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,50 (6,50; 8,25)

Fonte: os autores.

Nas comparações intragrupo (intraclube), pode-se observar que para todos os clubes, a dimensão AI-T foi superior que as demais dimensões. Concernente a análise inferencial do clube 1, o teste de Friedman demonstrou que houve diferença significativa entre as dimensões [x2 (3) = 10,440; p < 0,015]. Frente à localização da diferença, o *post hoc* utilizado foi o Wilcoxon, o qual demonstrou diferença significante entre a dimensão AI-T a dimensão GI-S (p<0,008, valor ajustado). Tais informações suportam parcialmente a análise descritiva, pois a dimensão AI-T foi superior, significativamente, a dimensão GI-S.

Em relação à análise do clube 2, o teste de Friedman demonstrou que houve diferença significativa entre as dimensões [x2 (3) = 42,917; p < 0,001]. Frente à localização da diferença, o *post hoc* utilizado foi o Wilcoxon, o qual demonstrou diferença significante entre a dimensão AI-T e as dimensões GI-S e GI-T (p<0,008, valor ajustado), além de demonstrar diferença significante entre a dimensão GI-S e as dimensões GI-T e AI-S (p<0,008, valor ajustado). Tais informações suportam parcialmente a análise descritiva e demonstram que a dimensão AI-T foi a com maior escore e a dimensão GI-S apresentou o menor escore de todas dimensões.

Por fim, frente à análise do clube 3, o teste de Friedman demonstrou que houve diferença significativa entre as dimensões [x2 (3) = 41,716; p < 0,001]. Frente à localização da diferença, o *post hoc* utilizado foi o Wilcoxon, o qual demonstrou diferença significante entre a dimensão AI-T e as dimensões GI-S e GI-T (p<0,008, valor ajustado), além de demonstrar diferença significante entre a dimensão GI-S e as dimensões GI-T e AI-T (p<0,008, valor ajustado). Tais informações suportam parcialmente a análise descritiva e demonstram que a dimensão AI-T foi a com maior escore e a dimensão GI-S apresentou o menor escore de todas as dimensões.

Em relação às análises entre clubes, pode-se observar que o clube 3 apresentou maior escore para todas as dimensões do instrumento (Tabela 3). As análises inferenciais, pelo teste Kruskal Wallis apresentou diferença significante entre grupos nas dimensões GI-T e AI-T (p<0,05), confirmando parcialmente a análise descritiva. Concernente à localização o *post hoc* foi conduzido com o teste U de Mann Whitney, o qual apresentou diferença significante entre os clubes 2 e 3 para as dimensões GI-T (p<0,05) e AI-T (p<0,010). Tais informações confirmam parcialmente a análise descritiva, já que o clube 3 foi superior, significativamente, em apenas 2 dimensões do instrumento e, além disso, o clube 3 apresentou superioridade somente comparado com o clube 2, já que comparado com o clube 1 não houve diferença significante, tão pouco diferença entre os clubes 1 e 2.

Tabela 3. Comparação das dimensões de coesão de grupo entre clubes (n=84).

Dimensão	**Clube 1 (n=23) Md (Q1; Q3)**	**Clube 2 (n=32) Md (Q1; Q3)**	**Clube 3 (n=29) Md (Q1; Q3)**	**X^2**	**P**
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,40 (5,00; 8,00)	6,60 (5,80; 7,95)	7,60 (7,00; 8,00)	7,468	0,031*
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	6,00 (4,00; 7,75)	5,75 (4,56; 6,50)	6,75 (5,37; 7,25)	3,939	0,21
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	7,67 (6,33; 8,66)	7,50 (6,42; 8,33)	8,33 (7,50; 8,66)	5,507	0,038*
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,50 (6,25; 8,00)	7,25 (6,25; 8,19)	7,75 (7,00; 8,25)	4,38	0,157

Diferença significativa: p<0,05.
Fonte: os autores.

Em síntese, os resultados do presente estudo demonstram que o instrumento apresenta bons valores de consistência interna, ou seja, valores satisfatórios de confiabilidade para a amostra investigada. Somado a isso, os resultados demonstraram que os atletas de Futebol de base, independentemente do clube avaliado, demonstram valores superiores para dimensão AI-T e que a dimensão GI-S é a dimensão com menores escores. Além disso, os atletas do clube 3 apresentaram valores maiores das dimensões AI-T e GI-T comparados aos atletas do clube 2.

Discussão

O presente estudo tem como objetivo investigar a coesão de grupo em atletas de Futebol, de categorias de base, e comparar os níveis de coesão entre as equipes investigadas. Para alcançar o objetivo, utilizou-se o QEG, instrumento que foi adaptado e traduzido para o português brasileiro por Nascimento Junior *et al.*[13]. O presente estudo vem corroborar a fidedignidade da utilização deste instrumento em atletas brasileiros.

Em relação aos resultados do presente estudo, na análise das dimensões da coesão de grupo, com todos os participantes, verificou-se uma boa percepção de coesão de grupo, pois os valores obtidos foram superiores a 5, o que podemos tecer, com base na literatura, como valores que demonstram forte coesão de grupo[27]. Dentre os valores obtidos, destaca-se a atração individual para o grupo-tarefa (AI-T), que apresentou o maior escore para todos os participantes e para as análises intragrupo, demonstrando que existem sentimentos do atleta em relação à equipe, bem como seu envolvimento pessoal com as tarefas e objetivos da tarefa[2]. Tais resultados vão de encontro aos encontrados na literatura[10,12,15,16,18,28,19,27].

Além disso, os dados aparentam refletir a teoria de Apple[29], na qual os objetivos de desempenho pessoal estão ligados à melhoria do desempenho da equipe, assim, quando os atletas da equipe apresentam maior coesão de grupo por atração individual ao grupo, cumprem de forma mais satisfatória as tarefas do grupo, pois percebem tal cumprimento como uma melhoria do seu próprio desempenho. Assim, os resultados deste estudo demonstram que existe uma boa convivência entre os atletas dentro e fora do campo, levando os membros da equipe a se dedicar mais e buscarem a vitória em jogos.

Somado a isso, pode-se tecer, baseado nos resultados e nos apontamento de Apple[29], que os atletas deste estudo apresentam prazer por jogar na equipe, o que pode ser entendido como demonstração de um sentimento de pertença ao grupo[30–32]. Todavia, cabe ressaltar que a relação entre coesão de grupo e desempenho dos atletas em jogos não foi objeto do presente estudo, ou seja, não foi investigado.

Apesar de no presente estudo a diferença etária entre grupos não ser significativa é de realçar que, os dados apresentados descritivamente demonstraram que nas comparações entre clubes, o clube 1, com média de idade 16,78 ± 1,24, apresentou maior escore na dimensão AI-S, quando comparado ao Clube 2 que apresentou média de idade de 17,37 ± 0,79, porém sem diferenças estatisticamente significativas. De acordo com Gomes, Pereira e Pinheiro[33], os atletas mais jovens apresentam valores de AI-S menores que os mais velhos, o que difere dos resultados encontrados. Somado a isso, Nascimento Junior e Vieira[34] apontam que além da faixa etária, o nível competitivo parece ser determinante no nível de coesão, fato observado pelos autores quando compararam equipes de futsal participantes da liga nacional em detrimento a equipes participantes do campeonato estadual.

Em relação ao nível competitivo, cabe dizer que por se tratar de equipes amadoras, todos os clubes apresentam similaridade, o que pode, também, ter interferido nos resultados, apresentando-os diferente da literatura. Além disso, os jogadores dos Clubes 1 e 2 não são federados, portanto, por mais que participem de treinos e torneios regulares, competem em categorias de menor expressão, quando comparados aos atletas do Clube 3, que são federados. Assim, quando se compara as dimensões de coesão de grupo entre clubes, observa-se diferenças significantes entre o Clube 2 e Clube 3, nas dimensões GI-T e AI-T ($p<0,05$).

Esses resultados indicam que a coesão para tarefa em atletas mais velhos e federados é mais importante do que a coesão social, corroborando com os achados da literatura[33,34]. Tais resultados demonstram que quanto mais velhos os membros da equipe, mais eles atuam para alcançar objetivos comuns, como por exemplo conquistar um campeonato[2], e se dedicar mais aos treinamentos, além de envolver mais com a equipe[29], corroborando com a literatura que investigou a temática em atletas profissionais[10,13,15,16,18,28,19].

Além da idade e do nível competitivo, uma possível explicação para os resultados diz respeito ao estilo de liderança do treinador. De acordo com Nascimento Junior e Vieira[35], as equipes treinadas por profissionais de perfis mais democráticos apresentaram maior coesão de grupo, tanto para dimensão da tarefa quanto para dimensão social. Segundo Gomes, Pereira e Pinheiro[33], os atletas mais novos tendem a avaliar a liderança de forma mais favorável em relação ao reforço positivo, quando comparados a atletas mais velhos, podendo perceber a importância de como a liderança pode afetar a coesão de grupo como um todo.

Vieira *et al.*[36] afirmam que quanto mais o treinador for efetivo e aproveitar as oportunidades de ensino, maior será o seu impacto sobre o desenvolvimento do atleta. O papel fundamental da liderança para o processo de coesão já foi verificado anteriormente, sendo um dos fatores intervenientes[37]. De acordo com Gomes, Pereira e Pinheiro[33], a experiência esportiva dos atletas sofre impacto significativo a partir das ações dos treinadores, e ainda que há necessidade de adaptação de seus comportamentos em função da idade e tipo de atleta. Somado a isso, Gomes e Machado[38] apontam que, embora existam imensas variáveis que condicionam e explicam a eficácia dos treinadores, as ações otimistas, motivacionais e favoráveis em relação as atividades impostas aos atletas estão associadas positivamente com os níveis de coesão e satisfação dos atletas, demonstrando a importância do técnico no processo de organização e construção de um grupo coeso e satisfeito, corroborando com os achados de Mesquita *et al.*[39] e Ribeiro[40].

Tais achados demonstram a importância da formação para o profissional que trabalha com o esporte, especialmente nas categorias de base, no processo de formação do atleta. Todavia, cabe ressaltar que esse não foi objeto de investigação do presente estudo. Todavia, os valores de coesão de tarefa apresentaram valores acima de 7.00, tanto para integração no grupo, quanto para atração individual no grupo, o que podem suportar a hipótese do papel do treinador na coesão do grupo. No futuro este tipo de estudos deve avaliara relação entre coesão do grupo e o estilo do treinador.

Retornando aos resultados do estudo, percebe-se certa coerência nos escores, quando se analisa as dimensões tanto na amostra geral, quanto nas análises intragrupo e busca identificar a prioridade de cada grupo. Nota-se que embora os grupos apresentem diferentes escores, suas prioridades são as mesmas, respectivamente: AI-T, AI-S, GI-T e GI-S, corroborando a literatura[41–43]. Assim, observa-se que os resultados encontrados na literatura apontam para escores mais elevados para dimensão AI-T, seguida da dimensão AI-S, GI-T e GI-S, essa última com os escores mais baixos, estando em concordância com o observado no presente estudo. Esses achados demonstram que, embora os esportes sejam caracterizados por um contexto competitivo, a atração individual dos sujeitos para o grupo é uma variável importante na coesão de grupo e pode ser considerada preditora na relação de coesão de grupo e desempenho da equipe[27].

Em relação a atração individual para o grupo-tarefa – AI-T, que diz respeito a percepção do atleta sobre seu envolvimento com os objetivos estabelecidos, os resultados dos presente estudo demonstram níveis satisfatórios de percepção de coesão de grupo, o que pode ser útil para melhorar o desempenho e obter maior possiblidade de sucesso esportivo[20]. Assim, a coesão de grupo deve ser trabalhada desde as categorias de base, pois esse é um fator psicológico importante para o desempenho dos atletas e, consequentemente, dos clubes[44,45]. Somado a isso, Prapavessis e Carron[46], demonstraram que bons níveis de coesão de grupo contribuíram para a diminuição da ansiedade pré-competitiva, principalmente a coesão de grupo na atração individual para o grupo-tarefa. Assim, pode-se considerar que equipes que apresentam atletas com altos níveis de coesão apresentam atletas mais dispostos a cumprir tarefas e satisfazer as expectativas da equipe[15].

Em equipes amadoras é esperado que os atletas busquem melhor desempenho e sucesso esportivo, ou seja, que a coesão para tarefa seja maior que a social[34,47], o que ocorreu no presente estudo, já que os resultados demonstraram que atração individual para o grupo-tarefa (AI-T) foi significativamente superior a dimensão integração no grupo-social (GI-S), para todos os grupos, corroborando com o estudo de Nascimento Junior *et al.*[48]. Todavia, cabe ressaltar que a literatura aponta, também, para o papel do envolvimento pessoal e a interação social com o grupo (AI-S e GI-S) como relevantes para coesão de grupo[27], o que não ocorreu no presente estudo.

Ao falar da categoria de base, deve-se remeter ao entendimento do papel da iniciação esportiva no processo de formação do atleta. Dessa forma, Bettega *et al.*[45], tratando especificamente do ensino do Futsal, defendem que a criança deve passar por processos que levem ao aprendizado de habilidades táticas, técnicas e psicológicas. Assim, o papel da

coesão de grupo é fundamental nas categorias de base. Somado a isso, Bettega *et al*.[44] elucidam que a construção de uma proposta pedagógica para orientação do processo de ensino e treino no Futebol transcende os conteúdos específicos da modalidade, e que devem considerar fatores de ordem social, cultural, econômica, histórica e política. Assim, os autores esclarecem que no processo de ensino e treino no Futebol os aspectos tático-técnicos devem ser a prioridade do processo, mas não a totalidade, buscando-se, também, a aprendizagem de habilidades psicológicas, como a relação interpessoal, aspecto importante para coesão de grupo.

Por fim, os resultados do presente estudo demonstraram que os atletas de Futebol de categorias de base, dos clubes investigados, apresentaram bons níveis de percepção de coesão de grupo, demonstrando grande influência da dimensão AI-T. Tais achados nos remete a como estão os sentimentos e percepções individuais dos membros da equipe, quanto a semelhança e proximidade no interior da equipe como um todo, como unidade social[10] e corroboram com a literatura que trata de coesão de grupo com atletas de alto rendimento[10,12,15,16,18,28,19,27]. Isso demonstra o grau de importância que cada membro apresenta perante seus colegas de equipe, além da importância da empatia para o processo de coesão de grupo no Futebol[43].

Conclusões

O presente estudo demonstra que atletas jovens demonstram priorizar as dimensões de atração individual e que tal ação tem envolvimento com a vontade de se profissionalizar e a incerteza desse objetivo ser alcançado. Assim, os participantes apresentaram maior escore para a dimensão (AI-T), ou seja, os atletas amadores também apresentam uma necessidade específica relacionada à tarefa. Somado a isso, os atletas do clube 3 apresentaram maior coesão que os atletas do clube 2, indicando que nesse clube, possivelmente, haja uma preocupação maior com a preparação psicológica, levando-os a se sintam mais à vontade e dispostos a cumprir os objetivos pré-estabelecidos.

O presente estudo apresenta a limitação de ter investigado apenas atletas de Futebol e, além disso, de todos serem de categorias de base e do sexo masculino. Além disso, não se comparou o nível de coesão de grupo com o desempenho das equipes. Assim, para estudos futuros, espera-se que a amostra seja constituída por atletas de ambos os sexos, abordando um maior número de modalidades e em maior escala territorial, visto que nesse estudo foram utilizados clubes de apenas um estado, uma modalidade esportiva e os participantes eram apenas do sexo masculino.

Referências

1. Schiavon MK, Machado AA. Psicologia do Esporte e a formação do profissional de Educação Física. Encontro Rev Psicol. 2012; 15(22): 37-51.

2. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed; 2017.

3. Valle MPD, Faggiani F, Fogaça JL, Pires LP. Duelo de titãs: considerações acerca da coesão grupal e liderança. Rev Bras Psicol do Esporte. 2008; 2(2): 1-19.

4. Samulski DM. Psicologia do esporte. Barueri: Manole; 2002.

5. Almeida PHGL. Variables psicológicas y rendimiento deportivo en el fútbol profesional. [Tese de Doutorado]. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia; 2008.

6. Pacheco MP, Gomez J. Caracteristicas psicológicas y rendimiento deportivo: Un estudio em jugadores bolivianos de fútbol profesional. Ajavu. 2005; 3(2): 42-67.

7. Lewin K. Resolving social conflicts. New York: Harper & Row; 1945.

8. Festinger L. Informal social communication. Psychol Rev. 1950; 57(5): 271.

9. Mikalachki A. Group cohesion reconsidered. [Tese de Doutorado]. London: School of Business Administration. University of Western Ontario; 1969.

10. Carron A, Widmeyer WN, Brawley L. The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: The Group Environment Questionnaire. J Sport Psychol. 1985; 7(3): 244-66.

11. Carron AV, Brawley LR, Widmeyer WN. The measurement of cohesiveness in sport groups. Adv Sport Exerc Psychol Meas. 1998; 23(7): 213-26.

12. Eys MA, Carron AV, Bray SR, Brawley LR. Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: the group environment questionnaire. J Sport Exerc Psychol. 2007; 29: 395-402.

13. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Rosado AFB, Serpa S. Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. Motriz. 2012; 18(4): 770-82.

14. Martin LJ, Carron AV, Eys MA, Loughead TM. Validation of the Child Sport Cohesion Questionnaire. Meas Phys Educ Exerc Sci. 2013; 17(2): 105-19.

15. Eys M, Loughead T, Bray SR, Carron AV. Development of a cohesion questionnaire for youth: the Youth Sport Environment Questionnaire. J Sport Exerc Psychol. 2009; 31(3): 390-408.

16. Estabrooks PA, Carron AV. The Physical Activity Group Environment Questionnaire: An instrument for the assessment of cohesion in exercise classes. Gr Dyn theory, Res Pract. 2000; 4(3): 230-43.

17. Vissoci JRN, Fiordelize SS, Oliveria LP, Nascimento Junior JRA. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. Rev Psicol Teor e Prática. 2013; 15(1): 145-56.

18. Nascimento Junior JRA, Ribeiro AC, Moreira CR, Pizzo GC, Ribeiro VT, Vieira LF. Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. Rev da Educ Física - UEM. 2016; 27(1): 2742.

19. Fiorese L, Pizzo GC, Contreira AR, Lazier-Leão TR, Moreira CR, Rigoni PAG, *et al*. Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional : o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? Rev Psicol del Deport. 2017; 27(suppl 1): 51-7.

20. Carron AV, Bray SR, Eys MA. Team cohesion and team success in sport. J Sport Sci. 2002; 20: 119-226.

21. Nascimento Junior JRA, Souza EA, Vieira LF. Avaliação da percepção de coesão de grupo de equipes profissionais de futsal do Estado do Paraná. Lect Educ Física y Deport. 2010; 15(151): 1-6.

22. Costa CG. Avaliação das competências emocional e social de pessoas com condições de deficiência visual total praticantes de atividade física. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos. Universidade do Estado de Santa Catarina; 2005.

23. Taghizadeh F, Shojaie M. Comparing Emotional Intelligence and Team Cohesion of Elite and Amateur Table Tennis Players. Adv Appl Sci Res. 2012; 3(6): 3633-9.

24. Field A. Descobrindo a estatística usando o SPSS. São Paulo: Bookman; 2009.

25. Hopkins WG. A scale of magnitudes for effect statistics [Internet]. Internet Society of Sport Science. A New View of Statistics. 2002 [cited 2017 Sep 12]. Available from: http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html

26. Green SB, Salkind NJ, Akey TM. Using SPSS for windows: analyzing and understanding data. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall; 2000.

27. Nascimento Junior JRA, Balbim GM, Vieira LF. Coesão de grupo em equipes adultas de voleibol do estado do Paraná. Rev Psicol Teor e Prática. 2013; 15(1): 105-15.

28. Nascimento Junior JRA, Balbim GM, Vissoci JRN, Moreira CR, Passos PCB, Vieira LF. Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. Rev Psicol Teor e Prática. 2016; 18(2): 89-102.

29. Apple KSB. The antecedents and consequences of multidimensional cohesion throughout an intercollegiate baseball season. [Tese de Doutorado]. Indiana: Purdue University; 1993.

30. Corrêa IA. Identificação e controle de emoções e relações em ambientes esportivos de futebol de campo para melhora do desempenho. Rev Bras Futsal e Futeb. 2010; 2(6): 151-5.

31. Bock AMB, Furtado O, Teixeira MLT. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva; 2008.

32. Gleitman H, Reisberg D, Gross J. Psicologia. 7. ed. Porto Alegre: ArtMed; 2009.

33. Gomes AR, Pereira AP, Pinheiro AR. Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. Psicol Reflexão e Crítica. 2008; 21(3): 482-91.

34. Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Coesão de grupo e liderança do treinador em função do nível competitivo das equipes: Um estudo no contexto do futsal paranaense. Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Hum. 2013; 15(1): 89-102.

35. Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais

de futsal. Rev Bras ciência e Mov. 2012; 20(2): 84-90.

36. Vieira LF, Carruzo NM, Aizava PVS, Rigoni PAG. Análise da síndrome de "burnout" e das estratégias de "coping" em atletas brasileiros de vôlei de praia. Rev Bras Educ Física e Esporte. 2013; 27(2): 269-76.

37. Oliveira JL, Voser RC, Hernandez AE. A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. Lect Educ Física y Deport. 2004; 10(76): 1.

38. Gomes AR, Machado AA. Liderança, coesão e satisfação em equipas de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. In: Brandão RMF, Machado AA, editors. O Voleibol e a psicologia do esporte. São Paulo: Atheneu; 2010. p. 187-218.

39. Mesquita I, Farias C, Oliveira G, Pereira F. A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. Rev Bras Educ Física e Esporte. 2009; 23(1): 25-38.

40. Ribeiro CC. Qualidade da relação treinador-atleta em contextos desportivos: Relações com fatores de grupo e diferenças em função do sexo. [Dissertação de Mestrado]. Braga: Escola de Psicologia. Universidade do Minho; 2016.

41. Alves I. Relação entre a Coesão, o Clima Motivacional e a Satisfação em Modalidades Colectivas. [Dissertação de Mestrado]. Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém. Escola Superior de Desporto de Rio Maior; 2010.

42. Freixo ASD. Relação entre Personalidade, Coping e Coesão no Desporto: Diferenças entre géneros e escalões. [Dissertação de Mestrado]. Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém. Escola Superior de Desporto de Rio Maior; 2014.

43. Paes MJ, Machado TA, Berbetz SR, Stefanello JMF. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. Rev Bras Psicol do Esporte. 2016; 6(3): 46-56.

44. Bettega OB, Scaglia AJJ, Morato MP, Galatti LR. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. Movimento. 2015; 21(3): 791-801.

45. Bettega OB, Prestes MF, Lopes CR, Galatti LR. Pedagogia do Esporte: o Jogo como balizador na iniciação ao futsal. Pensar à Prat. 2015; 18(2): 487-501.

46. Prapavessis H, Carron AV. The role of sacrifice in the dynamics of sports teams. Gr Dyn theory, Res Pract. 1996; 1: 231-40.

47. Ramzaninezhad R, Keshtan MH. The relationship between coach's leadership styles and team cohesion in Iran football clubs professional league. Brazilian J Biomotricity. 2009; 3(2): 111-20.

48. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Souza EA, Vieira JLL. Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Hum. 2011; 13(2): 138-44.